



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 15/03/19

BRASIL	2
CEPEA: precios oscilaron a lo largo del mes de febrero	2
Exportaciones récords en el mes de febrero. Efecto positivo de nuevos mercados.....	2
En 2018 se faenaron 31.9 millones de bovinos, 3.4 por ciento más que un año atrás. Proyecta nuevo incremento para este año	3
FNP destacó incremento en el peso medio de faena	3
Brasil intentará reabrir el mercado estadounidense a la carne vacuna, aunque se anticipa que la visita no tendrá un resultado concreto	3
Mejora el posicionamiento de la carne porcina brasileña en CHINA	4
Productores brasileños en alerta por la vinculación URUGUAY - JAPON	5
URUGUAY	6
Continúa la firmeza en el mercado, novillo gordo con tope en US\$ 3,35	6
Subió el precio de la carne al público responde básicamente al aumento en el precio del ganado gordo	6
Récord histórico de faena de hembras en febrero	6
Uruguay en Foodex JAPON 2019	6
Degustación de carnes uruguayas	7
Análisis del regreso del Uruguay a Japon de Meat and Livestock Australia	7
Exportaciones de carne vacuna caen por debajo de un año atrás por segundo mes consecutivo	8
Apertura de Hong Kong presiona a la baja los precios de la carne en China.....	8
En febrero salió el primer embarque de ganado en pie del año	9
Importaciones de carne vacuna bajaron en febrero pero superan a las de 2018.....	9
TURQUÍA redujo a cero el arancel a la importación de carne vacuna.....	9
PARAGUAY	10
Apertura de EE.UU. a la carne está a un paso	10
Auditan frigoríficos para exportar carne a Israel.....	10
Reinician la exportación de carne enfriada a ISRAEL	11
Producción de carne sostenible	11
UNION EUROPEA	12
BREXIT	12
No-deal sera catastrófico para los productores agropecuarios británicos.....	12
Reino Unido suprimirá tarifas de 87% de sus importaciones em caso de un Brexit sin acuerdo	12
Impacto sobre los precios de la carnes implicó pérdidas por €26m.....	13
Rebaja de aranceles de importación pondría en riesgo seguridad alimentaria.....	13
Entidades irlandesa y francesa fijan posición sobre el acuerdo de la UE-27	14
Prevén el impacto para los exportadores de carnes de AUSTRALIA	15
UE y EE.UU. avanzan en un acuerdo por la carne bovina	15
ESTADOS UNIDOS	16
Exportaciones de carnes bovinas record en 2018 tanto en volumen como en valor.....	16
Primer embarque de carne argentina arriba a EE.UU. desde 2001.....	17
Producción de carnes rojas y aves retrocerá en 2020	17
Existencias ganaderas: revisaron las cifras del año anterior	17
Parición de terneros alcanzó 28 millones de cabezas en 2018.....	18
USDA publica un estudio cuantificando el uso y emisión en la industria de la carne bovina	19
VARIOS	20
JAPÓN: fuerte aumento de sus importaciones por efecto del TPP	20
INDIA: crean el primer centro de investigación de productos cárnicos sin faena	20
EMPRESARIAS	21
Empresa uruguaya fabrica cajón rotativo apto para el método ritual Kosher	21
URUGUAY: Trabajadores de frigorífico Pul no aplicarán medidas de fuerza, al menos, hasta próxima tripartita	22
Marfrig asume control indirecto de otro frigorífico en EE.UU.: IOWA PREMIUM.....	22
Marfrig prevé incrementar la faena de animales de raza Angus.....	23
Minerva Foods prevé mayores exportaciones en 2019	24



BRASIL

CEPEA: precios oscilaron a lo largo del mes de febrero

11/03/19 - por Equipe BeefPoint Os preços do boi gordo oscilaram no correr de fevereiro, movimento que esteve atrelado à entrada e à saída de operadores do mercado, de acordo com pesquisas do Cepea. Ao longo do mês, o Indicador do boi gordo ESALQ/B3 oscilou entre R\$ 148,50 e R\$ 152,75, fechando o dia 28 de fevereiro a R\$ 150,20, queda acumulada de 2,02%.

Quando considerada a média do mês, o Indicador foi de R\$ 150,38, sendo 1,22% inferior ao do mês anterior e 2,59% abaixo do de fevereiro do ano passado, em termos reais (valores foram deflacionados por IGP-DI de janeiro).

No geral, ainda que a demanda por animais para exportação estivesse um pouco mais aquecida ao longo de fevereiro, a típica procura doméstica enfraquecida em início de ano (por conta dos gastos extras deste período) limitou aumentos nos preços da arroba no mês, conforme apontam pesquisadores do Cepea. Além disso, a oferta de animais superior à demanda em alguns períodos fevereiro também reforçou o movimento pontual de queda nos preços.

Exportaciones récords en el mes de febrero. Efecto positivo de nuevos mercados

06/03/19 - por Equipe BeefPoint As exportações de carne bovina e suína in natura aumentaram em fevereiro, tanto em relação a janeiro/2019 quanto ante fevereiro do ano passado.

Em carne bovina in natura foram exportadas 115,5 mil toneladas, 17,37% mais ante as 98,4 mil toneladas de fevereiro do ano passado e avanço de 12,79% ante as 102,4 mil toneladas embarcadas em janeiro último. Trata-se de um recorde para meses de fevereiro, superando o volume atingido em 2007, quando foram enviadas 115,4 mil toneladas da proteína ao exterior.

Os dados foram divulgados nesta sexta pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia e consideram 20 dias úteis.

A receita dos embarques de carne bovina in natura somou US\$ 433,3 milhões, 10% mais ante os US\$ 393,6 milhões obtidos em fevereiro de 2018 e aumento de 12,86% em relação aos US\$ 383,9 milhões de janeiro. O preço médio pago pela tonelada, por sua vez, caiu 6,18% ante fevereiro de 2018, para US\$ 3.753,20, mas ficou praticamente estável na variação mensal, com leve alta de 0,12%.

Nos dois primeiros meses de 2018, as vendas de carne bovina totalizaram 217,90 mil toneladas, ante 197,8 mil toneladas em igual período do ano passado (+10,16%). Já o faturamento ficou em US\$ 817,20 milhões este ano, valor 0,23% menor que os US\$ 819,1 milhões obtidos entre janeiro e fevereiro de 2018.

Novos mercados impulsionam exportações do Brasil no 1º bimestre, diz Abrafrigo

15/03/19 - por Equipe BeefPoint

Embora os tradicionais compradores da carne bovina do Brasil – China, Egito e Chile – continuem na liderança das importações da proteína, o expressivo avanço dos embarques para novos mercados como Rússia, Turquia e Filipinas fez a diferença no volume de vendas externas do primeiro bimestre deste ano, avalia a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). De acordo com a entidade, 69 países aumentaram suas importações do produto entre janeiro e fevereiro, enquanto outros 55 diminuíram.

Com base em dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia, que incluem as exportações de carne bovina in natura e processada, a associação destaca que Rússia elevou em 678% as compras até fevereiro, depois de reabrir o mercado ao Brasil em novembro do ano passado.

Os embarques saíram de 469 toneladas no primeiro bimestre de 2018 para 8,34 mil toneladas em igual período deste ano.

Na mesma linha, a Turquia passou de 355 toneladas nos dois primeiros meses de 2018 para 5,75 mil toneladas em 2019 (+516%); os Emirados Árabes foram de 3,49 mil toneladas para 10,80 mil toneladas (+ 210%), e as Filipinas saíram de 2,15 mil toneladas para 5,19 mil toneladas (+ 141%), no mesmo comparativo. Na União Europeia, a Itália (+ 28,4%) e o Reino Unido (+21,4%) também adquiriram mais da carne brasileira.

“As exportações totais estão mantendo seu ritmo de crescimento graças às importações feitas por novos mercados como Turquia e Filipinas e com o retorno do fluxo de comércio com clientes como a Rússia, Arábia Saudita e Emirados Árabes”, enfatiza a Abrafrigo em nota

No acumulado do bimestre, os embarques somaram 262,79 mil toneladas ante 244,63 mil toneladas em igual período de 2018 (+7%). Já a receita caiu de US\$ 1 bilhão para US\$ 975,7 milhões no período avaliado (-3%).

A China, incluindo a parte continental e também Hong Kong, permanece como o maior cliente do Brasil para a carne bovina, com importações de 106,64 mil toneladas no bimestre (43,6% do total).

Em segundo lugar está o Egito, que comprou 27,22 mil toneladas no período (10,4%% do total); em terceiro vem o Chile, com 14,51 mil toneladas (5,5% do total); e na quarta posição o Irã, com 13,61 mil



toneladas (5,2% do total). Para 2019, a Abrafrigo prevê um crescimento de 5% nas exportações de carne bovina in natura e processada do Brasil.

En 2018 se faenaron 31.9 millones de bovinos, 3.4 por ciento más que un año atrás. Proyecta nuevo incremento para este año

15/03/19 - por Equipe BeefPoint Em 2018, foram abatidas 31,90 milhões de cabeças de bovinos, um aumento de 3,4% (1,03 milhões de cabeças) em relação a 2017. Essa foi a segunda alta consecutiva na série histórica anual. O crescimento foi impulsionado por aumentos em 17 das 27 Unidades da Federação, sendo os mais expressivos em Mato Grosso (+414,73 mil cabeças), Rio Grande do Sul (+205,13 mil), Paraná (+157,50 mil), Rondônia (+125,93 mil), São Paulo (+122,73 mil), Tocantins (+86,94 mil), Santa Catarina (+44,32 mil), Minas Gerais (+33,88 mil) e Goiás (+27,90 mil). As quedas mais intensas ocorreram no Mato Grosso do Sul (-142,20 mil cabeças), Pará (-27,89 mil), Maranhão (-25,60 mil) e Espírito Santo (-23,15 mil).

Mato Grosso continuou liderando o ranking das UFs, com 16,4% da participação nacional, seguido por seus vizinhos do Centro-Oeste: Mato Grosso do Sul (10,3%) e Goiás (10,1%).

Já no 4º trimestre de 2018, foram abatidas 8,14 milhões de cabeças de bovinos, quantidade 1,0% maior que a do 4º trimestre de 2017 e 1,7% inferior à do 3º trimestre.

Abates podem registrar novo aumento ou estabilidade em 2019 .Previsão mais otimista é de crescimento de 2%; no ano passado, alta foi de 3,4%.

15/03/2019

Em entrevista ao jornal Valor Econômico, a diretora da consultoria Agrifatto, Lygia Pimentel, disse que os abates de bovinos devem crescer novamente em 2019, seguindo a tendência verificada nos anos de 2018 e 2017.

Na previsão de Lygia, a elevação poderá ser de 2% este ano, ou seja, um pouco menor da verificada entre 2018 e 2017.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os abates de bovinos inspecionados tiveram acréscimo de 3,4% no ano passado, para 31,9 milhões de cabeças, na comparação com 2017.

No Anuário DBO 2017, que circulou no mês de janeiro deste ano, o analista Hyberville Neto, da Scot Consultoria, disse que o volume total de abates (incluindo a quantidade de animais que são levados ao gancho de maneira informal, ou seja, não inspecionados) deve alcançar praticamente a mesma quantidade projetada para 2018, em torno de 42 milhões de cabeças.

Na ocasião, Neto justificou a sua estimativa: “Tipicamente temos redução dos abates nos momentos de inversão de tendência do ciclo pecuário. No entanto, como em 2019 provavelmente teremos um mercado consumidor mais ávido, tanto no âmbito doméstico quanto externo, acreditamos nesta relativa estabilidade”, disse.

Três meses depois da previsão de Neto relatada no Anuário DBO, a demanda interna de carne bovina ainda não deslanchou, mas as exportações continuam em ritmo bastante acelerado.

FNP destacó incremento en el peso medio de faena

Peso médio da carcaça, de 249,2 kg, é o maior da série histórica do IBGE

15/03/2019

Em 2018, a produtividade média do rebanho brasileiro (considerando-se boi, vaca, novilho e novilha) foi de 249,2 kg/animal, a mais alta da série histórica do IBGE, 0,2% maior que a de 2017, 4,8% acima da de 2014 e 5% superior à de 2013.

Os dados sobre a evolução do peso médio das carcaças foram destacados pela Informa FNP, consultoria de São Paulo, com base nos números de abate bovino divulgados quinta-feira, 14, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

“Esses números mostram a evolução da pecuária nacional, que vem respondendo a investimentos e inovações realizados nos últimos anos”, observa a consultoria.

Segundo o IBGE, o Brasil abateu 31,9 milhões de cabeças de bovinos em 2018, que renderam 7,95 milhões de toneladas de carne.

Brasil intentará reabrir el mercado estadounidense a la carne vacuna, aunque se anticipa que la visita no tendrá un resultado concreto

13/03/19 - por Equipe BeefPoint Em entrevista nesta manhã (12) em São Paulo, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, disse que espera a boa vontade do governo dos Estados Unidos no sentido de reabrir o mercado de carne bovina in natura para as exportações brasileiras. A ministra, que viaja aos EUA na comitiva do presidente Jair Bolsonaro, semana que vem, explicou que o Brasil já cumpriu todas as exigências feitas pelos americanos em relação à qualidade do produto brasileiro e agora está pronto para



dar início às exportações ou mesmo para receber uma missão americana no país que ateste o cumprimento das exigências.

Tereza Cristina confirmou também que estará na pauta das conversas com os americanos o comércio do etanol e do açúcar. Os americanos querem reduzir a cota de importação do etanol imposta pelo Brasil como proteção ao mercado interno, e o Brasil quer o mesmo em relação ao açúcar exportado aos EUA pelas empresas brasileiras. A ministra explicou que a questão do açúcar é muito importante para o governo do país, pois há alguns anos as exportações brasileiras para o mercado americano não crescem. Também será discutida a abertura de mercados para exportação de carne suína, entre outros assuntos.

14 de marzo de 2019

En una rueda de prensa en San Pablo, la ministra de Agricultura, Tereza Cristina, dijo que espera la buena voluntad del gobierno de Estados Unidos para reabrir el mercado de carne vacuna in natura.

La ministra, que viaja a Estados Unidos en la comitiva del presidente Jair Bolsonaro, la semana que viene, explicó que Brasil ya cumplió todas las exigencias en relación a la calidad del producto brasileño y ahora está listo para iniciar las exportaciones o incluso para recibir una misión estadounidense en el país que atestigue el cumplimiento de las exigencias.

A mediados de 2017, el Gobierno de EEUU anunció que suspendía todas las importaciones de carne bovina fresca procedente de Brasil debido a "persistentes preocupaciones sobre la seguridad de los productos" dirigidos al mercado norteamericano.

El Departamento de Agricultura estadounidense (USDA, por sus siglas en inglés) precisó que la suspensión de importaciones seguirá en vigor hasta que Brasil "tome medidas correctivas" que EEUU considere "satisfactorias".

Esta decisión se deriva de los controles a esas importaciones realizados por el Servicio de Inspección y Seguridad Alimentaria estadounidense (FSIS, en inglés) en las que se destapó el escándalo, llamado de la "carne fraca" que llevó a una veintena de mercados, entre ellos China, Hong Kong y la UE, a imponer restricciones temporales a las importaciones de carnes brasileñas. La mayor parte de los países ya han levantado las barreras a las importaciones brasileñas.

EUA e Brasil não vão alcançar a carne em visita de Bolsonaro

15/03/19 - por Equipe BeefPoint

Os Estados Unidos e o Brasil não poderão chegar a um acordo sobre novas exportações brasileiras de carne bovina in natura a tempo da visita oficial do presidente Jair Bolsonaro a Washington, na próxima semana, disseram duas fontes com conhecimento do assunto à Reuters na quinta-feira.

Os EUA barraram as importações de carne bovina in natura há cerca de dois anos, na esteira de um escândalo de segurança alimentar na maior economia da América do Sul. O Brasil é o maior exportador de carne bovina do mundo.

A ministra da Agricultura do Brasil, Tereza Cristina, que viajará com Bolsonaro para Washington, disse a repórteres na terça-feira que a questão será discutida e que espera que as conversas para retomar vendas ao mercado dos EUA sejam bem-sucedidas.

Mejora el posicionamiento de la carne porcina brasileña en CHINA

12/03/19 - por Equipe BeefPoint O surto de peste suína africana na China deixou de ser apenas um fator de especulação sobre o comércio mundial de carnes. O Ano Novo Chinês, em fevereiro, marcou um ponto de inflexão no humor – e nas vendas, é claro – da indústria de carne suína do Brasil. A expectativa de executivos do segmento é que os embarques do produto para o país asiático ganhem envergadura nos próximos meses.

"Houve uma mudança total de demanda e preço. É o momento de o país compensar as perdas dos últimos anos", afirmou ao Valor um alto executivo de uma das principais agroindústrias processadoras de suínos do país. De fato, o resultado setorial do ano passado foi desastroso devido à sobreoferta de carne suína no país – em grande parte provocada pelo embargo da Rússia – e dos preços altos da ração animal. A margem bruta da produção de carne suína no sistema de integração ficou negativa em 14%, de acordo com a consultoria MB Agro.

De acordo com um executivo de um grande exportador, o preço do pernil suíno vendido pelo Brasil à China passou de US\$ 2 mil por tonelada, no ano passado, para US\$ 3 mil nos contratos fechados recentemente, com embarque nos portos brasileiros a partir de abril. Pelos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), porém, ainda não é possível confirmar um forte aumento do volume comercializado, mas apenas dos preços (ver arte acima). Na visão do analista César Castro Alves, da MB Agro, o primeiro impacto do surto de peste suína na China, que começou em agosto, foi negativo para os preços. Os produtores locais correram para liquidar o plantel ainda saudável, o que elevou a oferta de carne suína momentaneamente.



Nas últimas semanas, porém, os sinais de redução da oferta chinesa são cada vez maiores, o que casa com a mudança de humor na indústria de carne suína do Brasil. Na bolsa de Chicago, os contratos futuros de suíno magro subiram mais de 16% nos últimos 11 pregões, de acordo com a agência Dow Jones Newswires. Corroborando o cenário, o Ministério da Agricultura da China informou no mês passado que a oferta de carne suína no país caiu 12,6% em janeiro, na comparação anual. Nesse cenário, algumas indústrias de ração na China vêm reportando queda de mais de 20% nas vendas, conforme relatos da agência Agricensus.

Na avaliação do vice-presidente de mercado da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin, os chineses caminham para cumprir um papel que, há poucos anos, seria improvável. Pequim deve substituir a Rússia não só em importância no volume de vendas, mas também em preços, o que é fundamental para a recuperação da rentabilidade do segmento, que ainda está negativa em 6%, conforme o indicador da MB Agro.

Até 2017, os russos respondiam por cerca de 40% do volume de carne suína exportada pelo Brasil e 50% da receita cambial. No setor, a dependência da Rússia – um país de comércio instável, dado a rompantes protecionistas -, sempre foi vista como uma grande fragilidade da suinocultura do país.

Conforme Santin, a crise gerada pelo embargo da Rússia à carne suína brasileira – Moscou proibiu a importação do produto nacional em dezembro de 2017 – já vinha sendo amenizada pela demanda chinesa, que estava aquecida mesmo antes do surto de peste suína africana. Mas os preços estavam mais baixos.

Com o agravamento da peste suína no país asiático, o preço médio da carne suína exportada para a China está se aproximando do preço pago pela Rússia – Moscou retirou o embargo ao produto brasileiro no fim do ano passado. De acordo com dados compilados pela ABPA, o preço médio da carne suína exportada para a China passou de US\$ 1.726 por tonelada, em setembro do ano passado, para US\$ 2.053 por tonelada em dezembro. Trata-se de uma alta de quase 20%.

O movimento de valorização deve continuar. Segundo o dirigente da ABPA, novos contratos de exportação para a China estão sendo fechados a valores próximos de US\$ 2,5 mil por tonelada, enquanto as vendas aos russos saem por cerca de US\$ 2,6 mil por tonelada. Esses valores devem aparecer nas estatísticas no segundo trimestre, quando os embarques forem realizados pelos nove abatedouros que estão autorizados a vender à China.

Com firme demanda, a China assumiu, pela primeira vez, a liderança do ranking dos maiores compradores da carne suína do Brasil. No primeiro bimestre, as exportações diretas de carne suína do Brasil para a China somaram 20,5 mil toneladas, segundo dados preliminares compilados pela ABPA. Hong Kong foi o segundo maior destino, com 20 mil toneladas. A Rússia ficou na terceira posição, comprando 11 mil toneladas no período, de acordo com Santin.

O impacto positivo não beneficia só frigoríficos de carne suína. Conforme a ABPA, a China se tornou, pela primeira vez, o principal destino das exportações de carne de frango do Brasil. O país desbancou em fevereiro a Arábia Saudita, que vem tomando medidas para proteger a indústria local e, no fim de janeiro, suspendeu a importação de diversos abatedouros de frango do Brasil.

Productores brasileños en alerta por la vinculación URUGUAY - JAPON

08/03/2019 Japão desembolsa, em média, 50% mais pela tonelada de carne importada quando comparado a outros países

A indústria brasileira exportadora de carne bovina, a despeito do valor recorde obtido com os embarques em 2018 (US\$ 6,57 bilhões), sente hoje uma ponta de “inveja” do Uruguai, o seu concorrente no setor na América do Sul.

A explicação é simples: depois de muita negociação, os exportadores uruguaios tiveram, no final de 2018, êxito no acordo com o Japão para reexportar carne in natura para os exigentes consumidores japoneses, um sonho antigo da indústria brasileira de carne bovina – e ainda não alcançado. Também não é para menos: fechado à carne bovina brasileira, o Japão desembolsa, em média, US\$ 6.000 pela tonelada do produto importado de outros países, enquanto o preço médio obtido pelas exportações feitas pelo Brasil não passa de US\$ 4.000/tonelada.

Mas, visto por outro ângulo, o sentimento de inveja pode ser substituído por um outro, de “esperança!”. Isso porque, como o próprio presidente urguai do Instituto Nacional da Carne (INAC), Federico Stanham, reconheceu nesta semana ao El País Digital, a “abertura do mercado japonês à carne passa mensagem a outros mercados (potenciais importadores da carne urguai) com as mesmas exigências de sanidade.

“É como dizer: olhe, o Uruguai está pronto para receber esse tipo de demanda”, afirmou Stanham.

Os exportadores uruguaios de carne bovina não comercialização com o Japão desde 2000, quando surgiu foco de aftosa no país. E, assim como o Brasil, o Uruguai mantém hoje status de livre de febre aftosa com vacinação.



Portanto, tomando emprestado a frase de Stanham ao El País Digital, a indústria brasileira tem todo o direito de reivindicar ao Japão ao mesmo tratamento dado atualmente ao Uruguai.

Sobre essa hipótese, o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antônio Jorge Camardelli, disse à revista DBO que, como o Uruguai possui status sanitário idêntico ao do Brasil, "legitimamente o governo brasileiro (apoiado pela indústria de carne bovina) tem o direito de solicitar oficialmente a entrada da carne in natura brasileira no mercado do Japão, por conta da equivalência de decisão técnica".

A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) reconhece todo o território nacional como livre do vírus da aftosa desde 2018. Hoje, Santa Catarina é o único Estado brasileiro a manter, desde 2007, o status de livre de aftosa sem vacinação.

O Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA prevê a suspensão gradativa da vacinação contra febre aftosa no Brasil, começando pelo Paraná. A expectativa é de que, até 2023, o Brasil seja reconhecido pela OIE como país livre de febre aftosa sem vacinação.

URUGUAY

Continúa la firmeza en el mercado, novillo gordo con tope en US\$ 3,35

Subió el precio de la carne al público responde básicamente al aumento en el precio del ganado gordo

14 de marzo de 2019 Subió el precio de la carne vacuna con hueso al público en \$ 5 por kilo. El ajuste se definió la semana pasada y estaba generalizada en todas las carnicerías a partir de este lunes, informó a Tiempo de Cambio de radio Rural Heber Falero, presidente de la Unión de Vendedores de Carne.

Algunos frigoríficos definieron una suba de entorno a 3% de la carne de caja, explicó Falero, aunque en este caso la suba no es generalizada.

Récord histórico de faena de hembras en febrero

11 de marzo de 2019 Hay pasto y grano en abundancia y un excelente precio por el ternero. Y aún así se están faenando más vientres -vacas y vaquillonas- que un año atrás, en plena sequía. El stock de vaquillonas baja y el de vacas se ha apenas sostenido.

La cría ya no depende de la exportación en pie. Con un precio accesible de maíz, la demanda local sostiene los precios. Pero como no hay novillos, las vacas cubren las necesidades de la industria.

En febrero la faena de vacunos se consolidó como la segunda más alta de la historia después de la sequía del 2018. Caracterizada por un incremento de la faena de hembras con la actividad mensual más alta de la historia para ese mes.

La faena en el segundo mes del año totalizó 205.804, apenas 2.689 menos (-1,3%) que las 208.493 faenadas en igual mes del año pasado en plena sequía y 6.516 más (3,3%) que las 199.288 cabezas del mes pasado.

La faena de hembras fue de 105.919 cabezas, un aumento de 9,5% o 9.161 más que las 96.758 de febrero del año pasado, pero 10.000 menos que las faenadas en enero (115.228 cabezas). La participación de las hembras en el total de la faena fue de 52%, seis puntos porcentuales por encima que en el mismo mes del año pasado (46%).

La faena de novillos en febrero superó a la de enero pero se ubicó por debajo en la comparación interanual. Totalizó 96.154 cabezas, 11.500 menos (-10,7%) que las 107.694 del año anterior. Un ajuste que reafirma la caída de 15% en el stock de novillos en el ejercicio 2017/18 y la escases de esta categoría para la industria en los próximos años.

¿Cuánto estamos sacrificando de producción futura? ¿Tiene lógica que la faena de vientres en febrero haya sido la mayor para ese mes de la historia de Uruguay? Puede una recría muy veloz de vaquillonas este año compensar la salida de vientres?

Uruguay en Foodex JAPON 2019

05/03/2019 - Inauguró stand apostando a exportar más rubros a Japón.

Uruguay se hizo presente ayer en la principal feria de alimentación de Asia, por cuarto año consecutivo, pero ahora en medio de celebraciones porque su carne ha recuperado los mercados de Japón, después de una ausencia de casi dos décadas.

Representantes del gobierno, del Instituto Uruguay XXI y medio centenar de empresarios participaron ayer en la inauguración de un stand en la feria Foodex, convertida en la tercera muestra de alimentación más importante a nivel mundial.



El acto se desarrolló semanas después de que un primer embarque de cuatro toneladas de carne vacuna uruguaya llegara a Japón, el primero desde que este país asiático cerrara sus fronteras a esos productos en el año 2000 a raíz de la aparición de fiebre aftosa.

“El mercado japonés es un mercado exigente, un desafío para nosotros”, declaró a EFE Antonio Carámbula, director ejecutivo de Uruguay XXI, la agencia de promoción de exportaciones e inversiones.

“Lo que creo que tenemos que hacer es seguir exportando carne de calidad (...), y al mismo tiempo ampararnos por lo que nos conocen, que es la carne, y la confiabilidad que da un producto como ese para diversificar nuestra canasta exportadora”, agregó.

Aunque China acapara la mitad de las exportaciones de carne uruguaya, se quiere utilizar el producto estrella para aprovechar el hecho de que Japón y Uruguay tienen economías complementarias y están vinculados desde hace de un siglo.

Pero Uruguay quiere ir más allá, ser conocido no sólo por ese producto, además de por el fútbol, recuerda Carámbula, e intentar conquistar los mercados internacionales con diversificación de países y de productos. “El mercado japonés sin duda alguna va a contribuir a profundizar ese trabajo”, insistió el director ejecutivo de Uruguay XXI.

Es un trabajo que tiene sus propios retos, entre ellos los arancelarios. Las carnes australianas, por ejemplo, entran a Japón con arancel 0, pero las uruguayas deben pagar un 38,6%, recordó Carámbula.

Uruguay quiere penetrar en el mercado nipón, ya sea con su carne o con sus lácteos, pero también con caviar (es el único país latinoamericano productor y exportador de caviar) y, por supuesto, con sus vinos.

“Incluso, algunas de las bodegas han lanzado líneas especiales para el mercado japonés teniendo en cuenta el paladar japonés”, recordó el directivo de Uruguay XXI.

En la inauguración del stand de Uruguay participó, entre otros, el ministro uruguayo de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, quien recordó que la balanza comercial entre Japón y Uruguay tiene saldo deficitario para el país sudamericano.

Japón vende fundamentalmente a Uruguay tecnología y automotores, mientras que la nación sudamericana exporta a la nipona productos de alimentación, algo sobre lo que Benech cree que se pueden sacar algunas conclusiones.

“Estoy seguro de que podemos vivir sin autos y sin teléfonos, pero estoy seguro de que sin alimentos no podemos vivir, y para eso nosotros tenemos una situación de privilegio”, afirmó el ministro.

Además de Benech y Carámbula, encabezan la delegación el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham y los delegados de la junta directiva del INAC, Eduardo Urgal y Guillermo Vila.

Degustación de carnes uruguayas

11/03/19 - por Equipe BeefPoint O governo do Uruguai ofereceu uma degustação de carne bovina a 150 empresários japoneses, nesta semana, em Tóquio, Japão, com o intuito de estreitar as relações comerciais entre os dois países. Segundo nota do Ministério da Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai, o ministro uruguai, Enzo Benech, ressaltou que os importadores do país asiático são muito exigentes, respeitam regras e costumam a depositar confiança nos fornecedores, portanto, uma vez estabelecido o comércio, é necessário cuidar do relacionamento.

“Não é à toa que somos o primeiro país a entrar neste mercado (de exportação de carne bovina para o Japão) como livres de febre aftosa com vacinação. Isso é porque os japoneses acreditam no Uruguai. O grande desafio, agora, é cuidar do mercado que abrimos”, disse o ministro em nota.

Na quinta, Benech teve uma audiência com o ministro da Agricultura, Florestas e Pesca do Japão, Takamori Yoshikawa, e ambos concordaram com a criação de um documento de cooperação técnica que agilize o comércio agropecuário entre os dois países.

Durante o encontro, Benech agradeceu a recente abertura do mercado japonês para as carnes uruguaias, bem como o trabalho dos serviços de saúde de ambos os países, informou a pasta uruguiaia.

Análisis del regreso del Uruguay a Japon de Meat and Livestock Australia

14 March 2019 After a 19-year hiatus, Uruguayan beef has returned to Japan, Australia's largest export market in value and volume terms. However, supply constraints, pull from China and price will limit Uruguay from challenging the dominance of Australia and the US in the market.

After Japan and Uruguay signed an agreement in December to resume two-way beef trade, 16 Uruguayan plants were approved to export chilled and frozen beef to Japan (out of 36 in operation in 2018) with first shipments being reported in February.

Prior to the ban, Japan imports of Uruguayan beef peaked at 6,900 tonnes swt in 2000, virtually all of which was frozen.

Supply, China and price to dictate Japan prospects

Uruguay has some of the best sanitary standards, traceability and product integrity in South America. In addition, a predominantly Bos taurus herd base and investment in genetics underpins their ability to supply quality beef.



However, the country remains dominated by grassfed production systems – a major constraint to perusing the premium grainfed market in Japan. According to the USDA, about 15% of Uruguayan cattle slaughter was finished on grain, most of which was destined for export markets such as the EU. Grassfed beef opportunities, however, may lie in frozen manufacturing trim for further processing and foodservice channels, in addition to higher value offal items such as tongue.

Regardless, land and pasture availability remain primary constraints to supply expansion. Production has hovered between 500,000-600,000 tonnes cwt over the past decade, and the USDA are forecasting a contraction in 2019 due to a modest herd expansion and live export demand diverting supply away from slaughter.

While production may have flat lined, exports have expanded over the last five years at the expense of the domestic market. China has been the principal driver behind this export pull as other traditional markets, such as Russia, have contracted. However, pulling product from the domestic market to fuel export growth is not sustainable. As such, new buyers will have to contend with an expanding China market, which accounted for 56% of Uruguayan beef exports in 2018.

A strong currency, in contrast to the other major exporters in South America, and limited supply availability have kept pressure on cattle prices in Uruguay – so far in March, the Uruguay finished steer indicator has averaged a 25% premium to Brazil, a 47% premium to Argentina and has ever surpassed similar indicators in Australia on a currency adjusted basis.

Uruguay also doesn't have a Free Trade Agreement with Japan and will sit on the same tariff schedule as the US – that is 38.5%, compared to the 26.6% on beef from Trans Pacific Partnership (TPP) members, including Australia, from 1 April. Without a pre-existing customer base and broad consumer loyalty, Uruguay will need to be very price competitive to carve out market share – a challenge under current conditions.

While a significant player in China, a lack of supply means Australian beef rarely competes directly with Uruguayan product in major markets. To put Uruguayan exports into perspective, the entire 2018 volume shipped to all markets (325,000 tonnes swt) was comparable to what Australia shipped to Japan alone (316,000 tonnes swt) and just 29% of total Australia exports.

Over time Uruguay may grow its feedlot industry to better target premium grainfed markets but will remain reliant on imported feed grain from neighbouring countries. In addition, Uruguay may need to find a new home for grainfed product currently entering the EU if the US was to dissolve the HQB global grainfed quota – a matter which remains unresolved. Moreover, Uruguay may also promote its high quality grassfed beef credentials and carve out niche markets in Japan, or target the manufacturing beef market currently dominated by Australia.

Exportaciones de carne vacuna caen por debajo de un año atrás por segundo mes consecutivo

14 de marzo de 2019 En febrero las exportaciones de carne vacuna se recuperaron respecto a las del primer mes del año pero se mantienen significativamente por debajo que un año atrás. Rusia, Israel y la Unión Europea fueron los destinos que marcaron el mayor descenso.

Totalizaron 34.689 toneladas peso canal, 12% por encima que las 31.033 toneladas exportadas en enero pero un descenso de 13% respecto a las 39.774 toneladas del mismo mes del año pasado.

El monto total exportado en febrero fue de US\$ 122,5 millones, un descenso de 13% o US\$ 18 millones menos que en febrero de 2018. El precio de la tonelada peso embarque exportada fue de US\$ 4.985, casi US\$ 80 menos que los US\$ 5.064 del mismo momento del año pasado.

En lo que va del año las exportaciones acumulan US\$ 236,5 millones, 21% menos que los US\$ 299 millones del mismo período del año pasado.

Por destinos:

Del volumen exportado total de carne vacuna en febrero, el 58% (20.140 toneladas peso canal) tuvo a China como destino, con un incremento del 11% interanual. El 21% (7.161 toneladas) fue al NAFTA -con EEUU como principal comprador dentro del bloque-, con un aumento de 26% respecto al mismo período del 2018. Como tercer destino se presenta la Unión Europea con una participación del 9% del total (3.166 toneladas), una caída de 31,4% interanual.

Los mayores descensos en volumen exportado fueron: Rusia, con una caída de 94,4% interanual (3.977 toneladas en febrero de 2018 vs. 222 toneladas en febrero de 2019) e Israel con una caída de 63,3% interanual a 1.120 toneladas.

Apertura de Hong Kong presiona a la baja los precios de la carne en China

13/03/2019 El comienzo del año marcó referencias históricas para algunos productos cárnicos, aseguró el broker de carnes Daniel Castiglioni.

El puerto de Hong Kong (canal gris) comenzó a recibir carne vacuna que tendrá como destino final China, lo que está afectando el precio de algunos productos que habían experimentado un inicio de 2019 con



valores muy por encima de los históricos, informó a Rurales El País Daniel Castiglioni, director de Casti Trading.

El broker uruguayo radicado en China aseguró que esos valores, que estaban muy por fuera de la realidad, hizo que los frigoríficos y los proveedores vendan la mayor cantidad de productos posibles. “Ahora la situación está cambiando y se empezó a sentir la baja de precios debido a los productos que están entrando por el canal gris”, añadió.

Castiglioni dijo que “hay que estar atentos a la evolución de los precios en los próximos meses” y “cómo se licua en el mercado la carne que tiene ingreso por Hong Kong”. Entiende que actualmente hay un “shock especulativo” que provocó la baja de valores. Y agregó: “No es una llamada de alarma, los valores serán similares a los manejados el año pasado”.

En cuanto a los competidores directos de Uruguay en la región, Castiglioni dijo que Argentina está exportando cada vez más volumen y a precios más bajos. Al tiempo que Brasil está con un comportamiento más similar al uruguayo. “Ya no es aquel Brasil que podía vender al valor que quería y marcar los ajustes con fuerza”, aseguró.

En febrero salió el primer embarque de ganado en pie del año

14 de marzo de 2019 El 20 de febrero se concretó el primer embarque de ganado en pie local de 2019. Fueron 8.895 animales con destino a Turquía, de acuerdo a datos de Aduanas, exportados por la empresa Gladenur.

Se trata de terneros enteros, señaló a Ganadería.uy Mohamed Montasser Ben Daya, gerente de la empresa. Para marzo no tienen previsto concretar nuevos embarques pero sí a comienzos de abril, con un envío de 25.000 terneros enteros.

Los últimos embarques de ganado vivo a Turquía desde Uruguay se habían concretado en diciembre (39.832 animales para engorde). Al cierre del año las exportaciones en pie a ese país sumaron 372.511 cabezas, muy por encima de los 294.310 animales de 2017 y marcando un récord histórico.

El 24 de diciembre se anunció que Turquía suspendía las compras de ganado en pie por tiempo indefinido a todos sus abastecedores y que aquellas empresas que ya tenían negocios pactados podrían enviar sus ganados, pero no concretar nuevas ventas. La causa principal fue la sobreoferta de ganado y una baja en el precio de la carne.

El pasado 12 de febrero Rodrigo González, director de la empresa de Escoltix, anunció mediante la red social Twitter que varias empresas turcas tenían permisos para importar ganado en pie, luego de que a fines de 2018 se suspendieran las compras por tiempo indefinido (ver nota).

Importaciones de carne vacuna bajaron en febrero pero superan a las de 2018

14 de marzo de 2019 La importación de carne vacuna de Uruguay descendió en febrero respecto al mes anterior pero sigue por encima de los niveles de 2018. En febrero se importaron 1.256 toneladas peso embarque, 100 toneladas menos que las 1.357 de enero, pero casi 320 toneladas más que las 939 de febrero de 2018.

Las compras fueron en particular de Brasil (92%) y de Paraguay (8%), a un precio promedio de US\$-CIF 3.618 la tonelada peso de embarque, US\$1.500 por debajo de los US\$-FOB 5.138 por tonelada peso embarque que es el precio de exportación de la carne vacuna Uruguay.

Las importaciones de carne de cerdo en febrero superaron en volumen a las de enero de 2018 y a un menor precio: aumentaron 12% en volumen y bajaron 4% en dólares, alcanzando un volumen de 3.079 toneladas por un total de US\$ 6,5 millones. El origen de la carne es de Brasil (96%) que aumentó su participación un 18% en volumen, Chile y Alemania con la misma participación (1,7%) y España (0,5%).

En carne vacuna los principales cortes son del trasero deshuesados, como bola de lomo, nalga, cuadrada, bife angosto, bife ancho y colita de cuadril envasados al vacío. También cortes del delantero como paleta y aguja. En carne de cerdo predomina el carré.

TURQUÍA redujo a cero el arancel a la importación de carne vacuna

13/03/2019 - “Turquía realiza frecuentes licitaciones para importar carne vacuna que son libres de arancel”, dijo el Presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie.

Turquía redujo a cero el arancel a la importación de carne vacuna, usualmente de tres dígitos, lo que ha permitido un fuerte aumento de las exportaciones brasileñas del producto. Fuentes de la industria frigorífica uruguaya confirmaron este descenso, así como también integrantes de la exportación en pie.

En febrero Turquía fue el segundo principal destino para la carne enfiada exportada por Brasil con 1.120 toneladas peso embarque y también llevó 2.705 toneladas congeladas.

El presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, Rodrigo González, dijo que “Turquía realiza frecuentemente licitaciones para importar carne vacuna y éstas son libres de arancel”. También contó que el mercado turco prefiere carcasas pesadas, de más de 300 kilos, de carne magra procedente de



animales enteros. En base a ello, Brasil logra mejores posibilidades de colocación en el mercado de Turquía, al contar con una alta proporción de machos que llegan enteros a la faena y de razas cebuinas, con menos grasa que las europeas.

El industrial uruguayo consultado agregó que la diferencia de precio de la materia prima entre Uruguay y Brasil, así como los muchos más altos costos de industrialización, también juegan en contra de la posibilidad de Uruguay de concretar negocios en el mercado de Turquía.

Turquía no tiene una política estable en los aranceles que cobra a la importación, al menos para productos cárnicos. “En el caso de la hacienda en pie en los últimos tiempos hemos tenidos aranceles de 0%, 10%, 25% y hasta 60%”, dijo González. Por lo tanto, tampoco se puede suponer que las actuales condiciones de importación de la carne vacuna se mantengan por un tiempo prolongado.

Turquía es un fuerte importador de carne vacuna y de animales en pie. En este segundo caso, se abastece fundamentalmente desde Europa con animales de razas continentales y sus cruza —siempre enteros para que no tengan excesos grasos—, así como desde Brasil y Uruguay. Para 2019 el Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA) había proyectado en octubre que Turquía importaría alrededor de 1 millón de vacunos en pie, aunque la misma fue realizada antes de que Turquía decidiera suspender la emisión de nuevos certificados para importar estos animales, anunciada en las vísperas de la Navidad.

PARAGUAY

Apertura de EE.UU. a la carne está a un paso

12 de marzo de 2019 La apertura del mercado de los Estados Unidos a las exportaciones de carne de Paraguay está prácticamente a un paso, porque queda casi solo un requisito por cumplir, que es recibir la auditoría del servicio sanitario de ese país, informó ayer el ministro de Agricultura y Ganadería, Denis Lichi.

Añadió que el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) completó la semana pasada el trabajo técnico y documental referente a la industria de la carne en nuestro país y lo reportó a los Estados Unidos.

“Con apoyo del embajador norteamericano hemos logrado un mayor dinamismo en el proceso para la apertura del mercado de Estados Unidos, hemos enviado un informe de 600 páginas al servicio sanitario norteamericano, tras lo cual se esperan algunas consultas y luego la visita de los auditores para verificar los frigoríficos de nuestro país”, señaló Lichi.

Agregó que las autoridades sanitarias de los EE.UU. deberán definir cuándo se realizará la auditoría, pero se espera que ese proceso se cumpla en los próximos meses y, en consecuencia, que la ansiada habilitación de ese mercado a los envíos de carne de Paraguay se concrete este año. “Estamos muy esperanzados, porque la industria de la carne de Paraguay tiene una imperiosa necesidad de conquistar los mercados premium, especialmente los EE.UU., porque conlleva el ingreso automático a muchos otros destinos”, acotó.

En otro orden, el titular del Senacsa, José Carlos Martín, informó que la vacunación contra la aftosa se cierra el 15 de este mes, y ya se tiene inmunizadas 12.633.147 cabezas, que representan un 93% de la meta proyectada.

Auditan frigoríficos para exportar carne a Israel

14 de marzo de 2019 | Técnicos Sanitarios Israelíes Están En Paraguay

Una misión de auditoría técnica del Servicio Veterinario y Sanidad Animal de Israel se encuentra en el país, con el objeto de evaluar establecimientos frigoríficos para exportar carne bovina a ese importante mercado.

La venida de los técnicos fue informada por la Cancillería paraguaya. Se trata de los veterinarios Dolev Sergio y Miculitzki Marcelo, integrantes del Servicio Veterinario y Sanidad Animal de Israel (IVSAH), quienes permanecerán en el país hasta el próximo 21 del corriente. La misión de los mismos es hacer tareas de evaluación de frigoríficos que cumplan los requisitos que exige el mercado de Israel para el procesamiento de carne bovina.

Según los informes, la misión pondrá especial énfasis en la implementación del sistema de seguridad alimentaria, bienestar animal, matanza kosher, procesamiento y almacenamiento en frío.

El término kosher se refiere al conjunto de reglas y leyes religiosas y alimentarias que están en el Talmud (libro de la religión judía).

Los datos de exportación de la proteína roja del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) consignan que el año pasado Israel fue el quinto país comprador del producto así como también de menudencia bovina. El monto que ingresó a nuestro país por la exportación en 2018 fue de US\$ 71 millones.



Por otra parte, el viernes pasado unas 17 toneladas de carne Kosher, enfiada, del frigorífico Frigochaco, fueron embarcadas con destino a Israel, luego de un estricto control de los estándares de calidad exigidos por dicho mercado.

También esta semana se conoció que el Senacsa envió a EE.UU. toda la documentación requerida por organismos sanitarios de ese país para habilitar la exportación de carne bovina local. Referentes del sector público como privado destacaron que el hecho constituye un paso importante para concretar próximamente la apertura de este exigente mercado.

Mercado de Estados Unidos

El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, espera que este año se habilite el mercado de carne de Estados Unidos para nuestro país. “Esperamos que el Estado (paraguayo) haga ahora lo suyo para la habilitación, nosotros vamos a poner todo nuestro esfuerzo. Falta que se concrete la visita del organismo que controla las plantas y una vez que verifiquen y autoricen, si Dios quiere, estaríamos enviando (carne), a más tardar en el segundo semestre de 2019”, expresó Pettengill.

Reinician la exportación de carne enfiada a ISRAEL

9 de marzo de 2019 | Frigochaco envía cortes premium, con mayor valor

El primer cargamento de cortes premium de carne vacuna en este año, con certificación Kosher, fue exportado ayer a Israel, por parte de la industria Frigochaco, informó el presidente del Senacsa, José Carlos Martín.

Unas 17 toneladas de carne Kosher, enfiada, del Frigorífico Frigochaco, con destino al Estado de Israel fueron embarcadas ayer, luego de un estricto control de los estándares de calidad exigidos por dicho mercado, señaló el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín.

Enfatizó que el hecho constituye un paso muy importante para la obtención de mayores valores con las exportaciones de carne, debido a que el destino del producto es la comercialización en los supermercados, y para utilización en restaurantes y hoteles. Acorde con las estadísticas del Senacsa, en el 2018, Israel ocupó el quinto lugar entre los destinos de las exportaciones de carne y menudencias bovinas de Paraguay, con unas 12.389,3 toneladas de carne bovina por valor de unos US\$ 63,4 millones; a su vez, unas 901,5 toneladas de menudencias bovinas por US\$ 1,92 millones.

A su vez, con los datos del mes de enero de este año, Israel se posicionó en el resultado parcial en el tercer lugar entre los mercados de la carne, con cerca del 12% en el volumen de envíos.

El titular del ente sanitario informó también en ese contexto que un equipo del Senacsa se reunió días atrás con una misión de técnica de Israel, para coordinar acciones y plantear nuevos proyectos conjuntos, con el objetivo de impulsar el incremento de la exportación de productos nacionales a ese mercado.

Producción de carne sostenible

14 de marzo de 2019 Filadelfia, Chaco (Marvin Duerksen, corresponsal). Ayer se inició el tercer encuentro de la Plataforma

Regional Carne Sostenible para el Chaco, que concluye hoy, con la exposición de resultados de los diferentes grupos temáticos para consensuar acciones que mejoren no solamente la producción de la carne, sino también el respeto ambiental y social.

De la jornada participan actores claves del área productiva y la sociedad organizada, invitados por el Ministerio del Ambiente y Desarrollo Sostenible (MADES), como parte del Proyecto Green Chaco, apoyado por el PNUD y financiado por el Fondo Mundial para el Medio Ambiente (FMAM).

Óscar Ferreiro, de la Plataforma Nacional de Commodities Sustentable Soja y Carne, dijo que se trata de establecer políticas, estándares e indicadores para dar mayor sostenibilidad a la carne en el Chaco, “que es el commodity más importante de la región, aunque también hemos visualizado que la soja empieza a ser un rubro importante”. Destacó que en esta plataforma se puede “opinar desde abajo” y ver en general cómo se puede hacer el marco de desarrollo sustentable a nivel global. “Acá los que trabajan realmente son los participantes, sobre la pregunta ¿cómo queremos nuestro desarrollo?”, agregó.

Por su parte, el gobernador de Boquerón, Darío Medina, señaló que este departamento ofrece las condiciones para un desarrollo sustentable para todos, con ganadería 90% pastoril y frigoríficos con estándares mundiales. Dijo que por las condiciones desfavorables, el país actualmente se ubica en el noveno lugar de la exportación de carne, pero que con el esfuerzo de todos se puede volver al quinto lugar.

El intendente de Filadelfia, Holger Bergen, a su vez resaltó la importancia de la producción de carne sustentable no solo para el Chaco, sino para todo el país.



UNION EUROPEA

BREXIT

No-deal sera catastrófico para los productores agropecuarios británicos

11 March 2019 National Farmers Union UK - The NFU has said everything must to be done to avoid a no-deal Brexit, and the catastrophic impact this could have on British farming.

NFU says, "We're working on behalf of members to ensure the best Brexit for British farm businesses, leaving without a deal could have significant impacts on British farm businesses."

The links below show how each sector could be affected, what can be done for preparation and what the NFU is asking government to do in the event the UK does leave the EU without a deal:

Why would a no deal be catastrophic for British farming?

Trade embargo: EU legislation could effectively result in a trade embargo on the export of UK animal based products such as meat, eggs and dairy to the EU. These products can only be imported by the EU from approved countries, and it could take months for such status to be granted to the UK.

The lamb industry would be particularly impacted. In 2017, 31 percent of domestic sheep meat production, the equivalent of 4.5million sheep, was exported and 94 percent was destined for the EU.

Increased imports: The UK government could avoid charging tariffs on imports to prevent a rise in food prices, which could have a negative impact on domestic food production and consumer choice, as well as an increase in imports of products produced to lower standards.

Export tariffs: Export tariffs could be imposed on the 60 percent of UK food, feed and drink that go to the EU, increasing export tariffs to an average of 27 percent on chicken, 46 percent on lamb, 65 percent on beef, and range from €172 to €1,494 per tonne in pork.

A cut in access to farm inputs: It is likely that trade barriers will go up between the UK and EU which could limit the availability of many farm inputs such as veterinary medicines, fertilisers, plant protection products, machinery parts and animal feed. Furthermore, as the EU will no longer recognise UK organic certification bodies, exports of organic products to the EU would be severely curtailed.

Less workers: The sudden end of labour mobility from the EU would cause serious problems when it comes to securing the necessary labour to harvest and process UK produce, as well as in related roles such as carrying out veterinary inspections.

Organic exports cut: As the EU will no longer recognise UK organic certification bodies, exports of organic products to the EU would be severely curtailed.

Reino Unido suprimirá tarifas de 87% de sus importaciones em caso de un Brexit sin acuerdo

14/03/19 - por Equipe BeefPoint O Reino Unido reduzirá drasticamente as tarifas de importação em caso de Brexit sem acordo e não aplicará controles alfandegários na fronteira com a Irlanda para evitar uma fronteira física, anunciou o governo britânico.

Este novo regime alfandegário, que entrará em vigor no dia 29 de março à noite se um acordo não for alcançado ou em caso de adiamento do Brexit, vai durar no máximo 12 meses e 87% das importações não serão submetidas a tarifas.

Ele seguirá em vigor à espera de um regime alfandegário permanente. "Se deixarmos (a União Europeia) sem acordo, vamos suprimir a maioria de nossas tarifas, mantendo-as para as indústrias mais sensíveis", afirmou o secretário de Estado para Política Comercial, George Hollingbery.

"Esta aproximação equilibrada permitirá apoiar os postos de trabalho britânicos e evitar que os preços disparem, o que afetaria muito as famílias mais modestas", completou.

A medida reduziria a maioria das tarifas de alguns produtos alimentícios, incluindo carne de vaca, cordeiro, porco, frango e alguns laticínios, mas não serão totalmente suprimidas para proteger os produtores britânicos.

No setor automotivo, o governo anunciou que as montadoras "não serão submetidas a tarifas adicionais sobre as peças importadas da UE para evitar qualquer perturbação das cadeias de abastecimento".

O novo regime não seria aplicado às importações procedentes dos países com os quais o Reino Unido já tem acordos de livre comércio, assim como com quase 70 países em desenvolvimento que têm acesso preferencial ao mercado britânico.

O governo também afirmou que não aplicaria direitos alfandegários e não optaria por controles alfandegários sobre os produtos que passam pela fronteira norte-irlandesa.

Redução do crescimento

O crescimento do Reino Unido pode chegar a apenas 1,2% em 2019, menos do que os 1,6% anunciados em outubro, segundo os últimos dados do instituto público OBR divulgados nesta quarta-feira pelo ministro da Fazenda britânico, Philip Hammond.

No entanto, as previsões de crescimento mantiveram-se em 1,4% para 2020 e aumentaram ligeiramente para 1,6% em 2021 e 2022, abrindo uma perspectiva ligeiramente melhor do que na estimativa anterior



para os próximos cinco anos, de acordo com Hammond, que apresentou sua declaração orçamentária para a Câmara dos Comuns.

O ministro também indicou que a economia do Reino Unido continua sob ameaça da “nuvem de incerteza” em torno do Brexit, na sequência da rejeição do acordo sobre a saída da UE.

“A votação da noite passada deixa a nuvem de incerteza pairando sobre nossa economia e nossa tarefa mais urgente nesta Câmara é remover essa incerteza”, ressaltou o ministro aos deputados.

Impacto sobre los precios de la carnes implicó pérdidas por €26m

Louise Hogan 11 hrs ago Beef farmers have taken a €26m hit from the Brexit-linked price slump in the first six weeks of the year, an analysis has shown.

Cows and young bulls have taken the biggest dent, with the 17pc drop in prices paid for cows year on year wiping over €9m off their value.

Farmers running the more feed-intensive young bull systems have been counting their losses, with difficulties getting animals killed, coupled with a 9pc price slump, reducing payments by €6m.

"The reality for beef farmers is that Brexit is having a direct impact on farm income today and has been since the start of the year - and this applies to calf, weanling, store and finished cattle producers," said ICMSA president Pat McCormack.

"Not only are farmers losing in terms of cattle slaughtered, many farmers, in particular bull beef producers, are finding it extremely difficult to get cattle sold, and cattle are going outside the factory specifications."

Mr McCormack said an ICMSA analysis of Bord Bia data in the first six weeks of the year compared with the same period in 2018 estimates the total losses for the first six weeks stand at €26m.

Following last week's 11th meeting of the Brexit Stakeholder Consultative Committee, Mr McCormack said farmers and businesses were no wiser on the outcome of Brexit today than they were after the first meeting.

However, he pointed out that farmers, particularly beef farmers, operating calf, weanling, store and finishing systems are losing money today due to Brexit uncertainty. Mr McCormack said politicians were turning a blind eye to this.

"Farmers have a simple question: will these losses be dealt with as part of the Brexit fallout plan? And let us be clear, these losses won't disappear, whether it is a no deal, hard or soft Brexit.

"These losses are in the system and they need to be addressed," he said.

"It is an absolutely crazy situation that farmers and the wider Agri-food sector do not know what trading arrangements will apply with our biggest trading partner in less than a month and what exact supports our Government and EU intend to implement."

He said farmers have heard politicians say they will support the farm sector but the reality is that no funding has been put on the table.

"We need to see concrete supports put in place immediately to provide a degree of confidence to the sector that support will be actually put in place and will make a real difference to farmers. Farmers are already counting the cost, €26m on the beef side and increasing by the day, we need answers," said Mr McCormack.

Following the Brexit meeting, Agriculture Minister Michael Creed said they were continuing to prepare for all scenarios and they would do all they could to "minimise the impact".

Rebaja de aranceles de importación pondría en riesgo seguridad alimentaria

14 March 2019 - Publication of the Government's tariff schedule in the event of a no-deal Brexit has further exposed the catastrophic impact that a no deal would have on the nation's farming; food and drink sectors and the wider rural economy.

In addition to the proposed tariffs on imports, the Union states that consideration must to be given to the damaging tariffs that our exports to the EU would face in the event of a no-deal Brexit. Only then would the impact of these 'no deal' proposals on the farming, food and drink sector be fully understood. The Union has repeatedly stated that tariffs on exports are a major concern for those sectors, like sheep, that are heavily reliant on access to the EU market.

Ahead of tonight's Commons vote, NFU Scotland President Andrew McCormick has written to every Scottish MP urging them to support Scottish farmers and crofters by taking a 'no deal' off the table once and for all and highlighting the damage that could be levied on the sector if this outcome should ever come to pass.

With the import tariff schedule only being unveiled 16 days before Brexit day (29 March), it leaves farming and food businesses little time to prepare not least for the prospect of tariffs being attached to our exported goods to countries with which we currently enjoy free trade arrangements.

While many agricultural products will be deemed sensitive, we are concerned that cereals, fruit, vegetables and eggs will not have the same level of protection. In excluding some sectors, the Government is failing to recognise that the impact of a no deal Brexit will be felt across every agricultural sector.



Even those sectors that are to be treated sensitively will, in most instances, see worrying and large reductions in the tariff rates currently charged on non-EU imports.

NFU Scotland President, Andrew McCornick said: "The 'no deal' tariff schedule unveiled today undermines the food security of the UK.

"It is wholly unacceptable that, in the event of a catastrophic no deal Brexit, the Government intends to treat EU and non-EU products being imported to the UK differently to the way that they will treat our own produce. Why should our exporters face tariffs when the UK Government is planning to let a lot of produce in tariff free?

"Exports and Imports should be treated in the same way and all agricultural products whether meat, dairy, cereals, fruit, vegetables and eggs should be treated in the same manner by the UK Government and given the same level of protection.

"Farming is highly integrated and what has a negative impact on one sector will ripple through the entire industry. In a no-deal scenario, the government must reconsider its approach to tariffs and how it ensures that this country will be able to produce its own food.

"MPs must also use their vote wisely this evening (13 March) and a no deal Brexit must be permanently taken off the table and a workable solution identified by MPs and government as a matter of urgency to deliver some kind of order out of what is currently chaos."

Entidades irlandesa y francesa fijan posición sobre el acuerdo de la UE-27

12 March 2019 IRELAND & FRANCE - The Irish Farmers' Association and the French farmers' union FNSEA held a bilateral meeting in Dublin yesterday, ahead of this week's vital Brexit votes in London.

Both associations are strongly supporting the EU-27 position on Brexit. They want to see a deal that does the least possible damage to Irish and French farmers and EU agriculture.

IFA President Joe Healy and the President of FNSEA Christiane Lambert said safeguarding the integrity of the EU Single Market and Customs Union is an essential element of any outcome.

"A 'no deal' would be very detrimental to Irish and French farmers, but the EU must remain firm on the Withdrawal Agreement. After all, this was agreed with the EU by the UK Government," the two Presidents stated.

"But, if we end up in a 'no deal' scenario, we expect the Commission to stand by their commitment to support European farmers in the strongest possible way," they said.

Mr Healy and Mr Lambert re-affirmed their commitment to the backstop and acknowledged the steadfast position of the EU Chief Negotiator Michel Barnier and the solidarity of the other Member States.

"IFA & FNSEA share the dual objective of maintaining the movement of goods between the EU27 and the UK and guaranteeing the mutual respect of high standards and regulations.

"Market disruption must be avoided, particularly through imports of goods that would not be subject to the same production standards.

This would have a negative impact on farmers' incomes, on the UK and on consumers."

Mr Healy acknowledged the solidarity of French farmers, who have stood with Irish farmers at critical times during our membership of the EU.

He said, "FNSEA has always identified with our aim of preserving the European family farm model and we have worked together through various CAP reforms to secure strong support for farming and food."

Mr Lambert said the FNSEA has conveyed in clear terms to the French Government that it must remain firmly with the EU position.

The IFA President said the Irish Government must remain vigilant in the coming days to ensure that the EU position remains steadfast as the endgame approaches.

Disastrous Scenario if Tariff Regime is Imposed on Irish Food Exports

15 March 2019 IRELAND - IFA President Joe Healy said the tariff regime in the event of a no deal Brexit would be a disastrous scenario for Irish farmers.

After the defeat in Westminster, the IFA President said the prospect of a no deal has moved closer.

"Our most exposed sectors, particularly beef, simply will not survive the kind of tariffs being talked about. This would have a devastating effect in the rural economy," he said.

"We export over 50 percent of our beef to the UK. If this is subject to tariffs, it will be a 'direct hit' of almost €800m on the sector."

If the UK decide to have zero tariffs on food imports this would also be hugely problematic as it is likely, under WTO rules that zero tariffs would be applied to all countries.

This could expose Irish food to competition from low cost, low standard imports from non-EU countries.

A tariff rate quota regime would see a similar situation where Ireland would have to compete against low cost imports for our part of that quota.

"Overall any 'no deal' UK regime will be very damaging for Irish farmers," Mr Healy said.



The IFA President said that the EU Commission and the Government will have to honour the political commitments they have given to provide a comprehensive package in the event of a no deal Brexit.

Prevén el impacto para los exportadores de carnes de AUSTRALIA

14 March 2019 Host to a deep pool of wealthy consumers, the EU is a high value but heavily protected red meat market. Improved access remains the key priority for Australia as Brexit politics play out.

On Tuesday, the UK House of Commons overwhelmingly rejected the latest Brexit deal. Despite Theresa May winning last minute assurances from the EU which mitigated the risk of a permanent Irish backstop and the UK remaining in the EU indefinitely, legal advice from the attorney-general that the scenario could not be ruled out killed the deal prior to the vote.

On Wednesday, the House of Commons narrowly rejected an alternative to leave the EU with no deal at all on 29 March.

Tonight (UK time), the House of Commons will likely vote on whether to ask for an extension to negotiate a better deal or buy Theresa May time to win over the House with the current one on offer. If this vote fails, the UK will again be looking to a hard Brexit. If it wins and an extension is conceded by all other EU member states, it would likely only be too late for May to avoid a clash with EU parliament elections.

What's at stake for Australian red meat?

Brexit has short and long-term implications for Australian beef and sheepmeat meat, as highlighted in December. Host to a deep pool of wealthy consumers, the EU is a high value but heavily protected red meat market and improved access remains the key priority for the Australian cattle and sheep industries. The UK is Australia's largest red meat market within the EU.

The EU and the UK have (separately) proposed splitting all country specific tariff rate quotas (TRQ) between the EU and UK following the UK's departure from the customs union. This proposal would see Australia's existing HQB Hilton beef quota split 65% and 35% between the UK and remaining EU respectively, and the sheepmeat quota split 80% and 20%.

The proposed quantitative restrictions between both markets is an erosion of Australia's access as it reduces exporters' ability to target the most attractive consumer market in either region – until now, Australian beef and sheepmeat has been able to shift between the UK and remaining EU seamlessly under a single quota.

If a hard Brexit ensues, quota separation will likely come into play. The EU has published TRQ splitting regulation (Regulation 2019/216) which will see the unilateral apportionment of TRQs apply in the EU, reducing Australia's EU-27 access to 3,837 tonnes of sheepmeat and 2,481 tonnes of Hilton beef. The remainder of Australia's existing country specific quota volumes will be allocated to the UK.

If a Brexit deal is agreed, Australia's access will remain unchanged during a transition period while the UK remains within the EU customs union. During a transition period Australia and the UK would be able to commence negotiations on long-term market access, through an Australia-UK Free Trade Agreement (FTA).

Meanwhile, Australia commenced FTA negotiations with the EU mid last year. Trade deals are a long-term aspiration, as they notoriously can take years to conclude. In the meantime, the proposed quota split could come into play as an interim avenue for access.

A lot is at stake for Australia in the UK and EU but, for now, a lot remains up in the air.

UE y EE.UU. avanzan en un acuerdo por la carne bovina

Fonte: MeatingPlace.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 14/03/19 - por Equipe BeefPoint
O texto de um projeto de acordo entre os Estados Unidos e a União Europeia está sendo distribuído aos Estados membros da UE e as discussões devem começar nesta semana, informou uma porta-voz do Conselho da UE.

Os dois lados estão trabalhando em um acordo desde outubro. O objetivo é aumentar a importação de carne bovina dos EUA, uma categoria que os EUA afirmam ter sido injustamente destinada a outros países exportadores de carne bovina, como Austrália e Uruguai.

As importações de carne bovina sem hormônios não fazem parte das discussões mais amplas sobre o melhoramento das relações comerciais entre a UE e os EUA, lançadas no Verão passado entre a UE e a Casa Branca.

O acordo está longe de ser assinado ainda. Se os Estados membros da UE considerarem "positiva" a minuta do acordo, explicou a porta-voz, a comissão terá de consultar os demais beneficiários da atual cota na categoria e depois apresentar propostas formais para a assinatura e conclusão do acordo. .

Para finalizar o processo, após a adoção pelo Conselho da UE, o Parlamento Europeu terá de dar o seu consentimento.



ESTADOS UNIDOS

Exportaciones de carnes bovinas record en 2018 tanto en volumen como en valor

11 March 2019 US - Last year US beef exports shattered the previous value record and achieved a new high for volume, according to year-end 2018 statistics released by USDA and compiled by USMEF. Fueled by tremendous demand in South Korea, Japan, Taiwan and the ASEAN region, US beef exports reached 1.35 million metric tons (mt), up 7 percent from 2017 and exceeding the 2011 record by 5 percent. Export value soared to \$8.33 billion, breaking the 2017 record by \$1.06 billion – an increase of 15 percent. For December only, beef export volume was down slightly from a year ago to 112,777 mt, but value still increased 4 percent to \$700.2 million.

Beef export value was also record-shattering on a per-head basis, averaging \$323.14 per head of fed slaughter in 2018. This was a 13 percent increase over 2017 and exceeded the 2014 record by 8 percent. Beef exports accounted for 13.5 percent of total beef production in 2018 and 11.1 percent for muscle cuts, up from 12.9 percent and 10.4 percent, respectively, in 2017.

Korea accounts for half of the \$1 billion surge in beef exports

While demand for US beef showed remarkable strength throughout the world in 2018, no market exemplified this momentum more than South Korea. Exports to Korea increased 30 percent year-over-year in volume to 239,676 mt and jumped 43 percent in value to \$1.75 billion – an increase of \$526 million over the 2017 record and more than double the value total posted just three years ago. Chilled beef exports to Korea increased 19 percent to 53,823 mt and climbed 29 percent in value to a record \$525 million, illustrating US beef's surging success in the Korean retail and foodservice sectors. US beef accounted for 58 percent of Korea's chilled beef imports in 2018.

"There may have been no greater ag trade success story in 2018 than US beef exports to Korea," said Dan Halstrom, USMEF president and CEO. "Less than a decade removed from street protests opposing the reopening of this market, Koreans now consume more US beef per capita than any international destination. This is a testament to the US beef industry's strong commitment to the Korean market and the outstanding support received from the US government – through both USDA promotional funding and the negotiation of the Korea-US Free Trade Agreement (KORUS), which has dramatically lowered import duties on US beef."

Since KORUS was implemented in 2012, the import duty rate on US beef has declined from 40 to 18.7 percent and will fall to zero by 2026. US beef's main competitors also have free trade agreements with Korea but currently face higher duty rates than the US, including Australia (24 percent), Canada (26.6 percent) and New Zealand (26.6 percent).

Other 2018 highlights for US beef exports include:

Exports to leading market Japan increased 7 percent from a year ago in volume (330,217 mt) and 10 percent in value (\$2.08 billion, topping \$2 billion for the first time in the post-BSE era). The United States is Japan's largest beef supplier by value and a close second to Australia in volume, but this position is tenuous due to a widening tariff rate gap between US beef and its main competitors, all of which secured tariff rate relief under the Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership (CPTPP).

Taiwan's demand for US beef continued to surge in 2018, with exports increasing 33 percent in volume (59,694 mt) and 34 percent in value (\$550 million) from the previous records set in 2017. Export value to Taiwan has doubled over the past five years, setting six consecutive records, and US beef holds more than 75 percent of Taiwan's chilled beef market – the largest share of any Asian destination.

While total beef exports to Mexico increased only slightly year-over-year in volume to 239,110, beef muscle cuts achieved strong growth – climbing 7 percent to 142,514 mt. Total export value was up 8 percent to \$1.06 billion, exceeding \$1 billion for the first time since 2015. Muscle cut value increased 11 percent to \$828.8 million.

Beef exports to China/Hong Kong softened in November and December and finished the year 3 percent lower in volume at 130,129 mt. However, export value still climbed 12 percent to \$1.03 billion (marking the first time since 2014 that US beef exports topped \$1 billion in four separate markets). This included exports to China of 7,297 mt valued at \$60.8 million. China reopened to US beef in June 2017 after a 13-year absence, but US beef has been heavily disadvantaged by the 25 percent retaliatory duty imposed by China last year, bringing the total tariff rate on US beef to 37 percent. By comparison, Australian beef pays just 6 percent and New Zealand beef is duty-free, benefiting from free trade agreements with China.

Led by outstanding growth in the Philippines and Vietnam and larger shipments to Indonesia, beef exports to the ASEAN region increased 20 percent from a year ago in volume (49,226 mt) and 30 percent in value (\$274.6 million).

Strong growth in Colombia kept beef exports to South America steady with the previous year's volume at 28,333 mt, while value set a new record at \$126.2 million (up 10 percent). Exports were also higher year-



over-year to Peru but declined to Chile as Brazil and Argentina's exports to Chile surged, benefiting from weaker currencies.

A strong performance in mainstay market Guatemala and significant growth in Costa Rica and Panama pushed beef exports to Central America to record highs in volume (14,739 mt, up 14 percent) and value (\$80 million, up 11 percent).

Primer embarque de carne argentina arriba a EE.UU. desde 2001

March 4, 2019 Drovers Argentina's first shipment of beef to the U.S. since 2001 arrived March 1, 2019. (.) The first beef imported to the U.S. from Argentina in more than 17 years landed in Philadelphia on Friday, March 1, 2019. In November 2018, the U.S. lifted the ban on beef from Argentina that was imposed after a 2001 outbreak of foot-and-mouth disease.

This shipment of several tons of lean Argentine beef said to be used primarily for higher end cuts and hamburgers, originating from Buenos Aires, and was transported on the Hamburg Süd M/V Rio Barrow. Argentina will be allowed to export up to 22,000 tons a year to the United States, and U.S. producers can ship unlimited amounts of beef to Argentina.

Fernando Oris de Roa, the Argentine ambassador to the United States, greeted the shipment at the Packer Avenue Marine Terminal, at the Port of Philadelphia, which claims to be the largest port for imported beef in America.

Producción de carnes rojas y aves retrocerá en 2020

06 March 2019 US - For five years the livestock and poultry industry has beat the drum of year on year increases in net commercial red meat and poultry production, and not by nominal amounts, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

From 2014 to 2017 that figure increased by over 2.5 percent each year and passed the landmark figure of producing over 100 billion pounds of red meat and poultry annually in the US in 2018.

Last year the meat complex showed a marked slowdown increasing total red meat and poultry by only 2.25 percent and in 2019 that number is expected to slow, moving closer to 1 percent.

By 2020, red meat and poultry production may actually see a decline in net total commercial production of red meat and poultry.

The key lies in the slowing of production growth in red meat and the potential about-face in poultry production brought about by sustained lower margins.

Pork production on an annual basis is expected to slow in 2020 despite higher slaughter numbers in the first quarter of 2019.

Given the weak hog prices over the last year, we find it unlikely that 2019 will continue to show as favorable farrowings as years past. This will likely translate to slower growth in 2020. The cattle inventory report has already indicated that the total US beef herd has moderated growth, with total cattle and calves up only half a percent.

The longer biological lag in the cattle cycle indicates that higher beef production will still be the case in 2019 and in 2020, but that we are moving from annual average increases of between 2.6 percent and 6.4 percent to 1-2 percent in 2019 and under 1 percent in 2020.

Those two sectors alone indicate net commercial red meat production will grow half as much in 2020 as it will in 2019 and may show a year on year decline by 2021.

The poultry sector is expected to see the most changes by 2020. Net Ready-to-Cook turkey production is expected to decline for a second year in 2019.

In 2018 production figures declined 1.7 percent and are expected to decline by 5 percent in 2019 due to drastic price declines of 20 percent on whole birds in 2018.

Total chicken production is expected to moderate to a 1 percent increase year-over-year in 2019 and is expected to decline significantly in 2020 based on large negative returns seen since the second half of 2018 for the large bird sector.

Competing proteins offered inexpensively in the grocery store has taken its toll on returns in the heavier bird market. Those margins are not expected to improve significantly with beef and pork production continuing to expand, albeit at a slower rate.

Total chicken in cold storage could reach a billion pounds in 2019, and will likely become a driver to this commodity profile in 2020.

Existencias ganaderas: revisaron las cifras del año anterior

04 March 2019 US - The 1 January US cattle inventory survey results were released on Thursday afternoon (28 February), reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Below are some of the highlights and implications:



First note the revisions to year ago numbers, especially if you maintain a historical series. All numbers were updated, some more than others. The biggest revision was in the size of the beef cow herd on 1 January 2018.

According to the latest report, the breeding herd at the start of last year was 256,800 head or 0.8 percent smaller than earlier thought.

Beef replacement numbers were revised down by 0.4 percent while cow replacement numbers were revised down 0.3 percent. USDA revised up 1.1 percent the inventory of +500lb steers as the start of last year.

The USDA survey suggests the calf crop in 2018 was 1.8 percent higher than the previous year. This is higher than the 1.6 percent increase analysts were expecting and tells us that an additional 645,000 head more calves were born in 2018.

In 2017 the calf crop increased by 1.9 percent or 666,000 head. This is the fourth consecutive year that the calf crop has increased vs. the previous year and suggests higher cattle/beef supplies into 2020.

While beef production will likely slow down by 2020, the pace of beef supply growth will not exactly mirror the trend in the calf crop. Herd rebuilding or liquidation efforts could either accelerate or slow down the trend.

The reason for expecting a slowdown in beef production growth has to do with the size of the cow herd and potential calf crops in 2019 and 2020. The beef cow herd as of 1 January 2019 is currently estimated at 31.766 million head, 1 percent higher than the previous year.

The beef cow herd expanded by 2.9 percent in 2016 and 3.5 percent in 2017. Those two big growth years resulted in a notable increase in the number of calves born and have fueled the increase in US cattle numbers so far.

However, in the last two years the beef cow herd has increased by 0.8 percent and 1 percent. Producers are holding back fewer heifers for herd replacement and a higher culling rate could result in a decline of the beef cow herd by next year.

The milk cow inventory on 1 January was 0.8 percent lower, which was close to expectation since USDA tracks the milk cow numbers monthly.

The total cow herd as of 1 January 2019 was only 0.5 percent higher than the previous year, implying a very modest increase in the calf crop during 2019.

As the growth in the size of the calf crop moderates, so will forecasts for beef supply growth in the next two to three years. But note that, at this point, we are not talking about a contraction.

This could change if we see a shift in the cull rate of beef and dairy cows in the next 12 months but for now the cattle cycle remains in growth, albeit very slow, phase.

The supply of feeder cattle outside feedlots as of 1 January was estimated at 26.380 million head, 255,000 head or 1 percent higher than a year ago. Please note this number is not adjusted for the small number of cows and bulls on feed.

Lower placements in the last four months of 2018 mean more cattle will be available for placement this spring.

The total supply of cattle on feed, which includes small feedlots, was estimated to be 14.371 million head on 1 January, 1.6 percent higher than the previous year.

This growth rate is quite comparable from that in the +1000 head capacity monthly feedlot survey, which showed on feed supplies on 1 January were up 1.7 percent compared to a year ago.

Nebraska inventory was down 1.8 percent and Kansas inventory was down 0.8 percent. However, there was a notable increase in Texas on feed inventories, up 3.8 percent vs. year ago.

Feedlot inventories in some smaller states made notable gains, e.g, Illinois (+14 percent), Idaho (+11 percent), Indiana (+11 percent), Ohio (+7 percent), California (+9 percent). Gains in these five states were bigger than those in Texas (125k vs. 100k in TX).

Parición de terneros alcanzó 28 millones de cabezas en 2018

11 March 2019 US - Today, we will take a look at the US calf crop numbers and geographic changes, as reported by producer surveys conducted by USDA's National Agricultural Statistics Service (NASS), writes Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

NASS compiles calf crop by-state. The number of beef-type calves is calculated based on the total calf crop (the total crop includes calved from beef-type and dairy cows). Of course, at the state level, the beef calf crop is directly proportional to where the cows that produced them are.

As shown in the following graphic, the 2018 beef calf crop was about 28.0 million head. States with over one million beef calves produced in 2018 were in the center of the country, from Montana to Texas. Texas produced the most calves (4.25 million). The next states were Oklahoma (about 2 million) and Missouri (nearly 1.9 million).



Between 2008 and 2018 (see the graphic), the number of beef calves declined by 122,000 head (down 0.4 percent). Texas had the most significant decline, followed by Tennessee, Kentucky, and Florida. South Dakota posted the largest year-over-year gain (up 202,000 calves), followed by Oklahoma (up 189,000).

Many of the bull calves produced by US dairy farms are part of the fed beef production system (i.e., they are grown in feedlots as steers to slaughter weight). The majority of the heifers produced on dairies are held for future milking. The graphic below shows the total US calf crop from 2008 to 2018 and demonstrates the state-level changes in the geography of the national dairy herd.

California, for example, had a beef-type calf crop drop of 12,000 animals, while the total crop fell by 150,000 head due to declining dairy cow numbers. In contrast, the reduction in total calves in Texas was only 50,000 head compared to beef-type animals falling by 200,000, reflecting increasing numbers of dairy cows in that state.

A major strength of the US beef sector is that there are beef cows producing calves in every state, which from a national perspective dissipates negative impacts of drought, flooding, etc. Every state has a vested interest in a healthy US beef industry.

USDA publica un estudio cuantificando el uso y emisión en la industria de la carne bovina

March 12, 2019 A fuller picture is emerging of the environmental footprint of beef in the United States.

An Agricultural Research Service (ARS)-led team has completed a comprehensive life-cycle analysis quantifying the resource use and various environmental emissions of beef cattle production in the United States. The aim is to establish baseline measures that the U.S. beef industry can use to explore ways of reducing its environmental footprint and improve sustainability.

"The environmental footprint of producing beef has long been debated. One challenge is that the impacts extend beyond just those associated with growing the animals and include the impact of producing feed and other inputs. This is further complicated by the diversity of ways that beef cattle are managed and fed," commented Marlen Eve, ARS deputy administrator for natural resources and sustainable agricultural systems. "It is important to have an accurate quantification of these impacts to provide a baseline against which production system sustainability can be assessed and improved."

Led by ARS agricultural engineer Alan Rotz, the team's analysis encompassed an array of different types of cattle operations, reflecting a beef supply chain that's among the most complex food production systems in the world. Indeed, the scope of the analysis spanned five years, seven cattle-producing regions and used data from 2,270 survey responses and site visits nationwide. This ensured the results weren't limited to a single region, where climate, soil, production practices and other factors can differ from other parts of the country, added Rotz, with ARS' Pasture Systems and Watershed Management Research Unit in University Park, Pennsylvania.

His collaborators are former ARS research associate Senorpe Asem-Hiablie, Greg Thoma of the University of Arkansas-Fayetteville and Sara Place, with National Cattlemen's Beef Association, which is partially funding the study. The team began its beef life-cycle analysis in 2013 and published the first of two sets of results in the January 2019 issue of the journal *Agricultural Systems*.

Among the results to emerge thus far:

The seven regions' combined beef cattle production accounted for 3.3 percent of all U.S. GHG emissions (By comparison, transportation and electricity generation together made up 56 percent of the total in 2016 and agriculture in general 9 percent).

Fossil energy (for example, fuel) use in cattle production accounted for less than 1 percent of the total consumed nationally.

Cattle only consumed 2.6 pounds of grain per pound of beef cut weight (or, butchered carcass weight), which was comparable to pork and poultry.

Beef operations in the Northwest and Southern Plains had the highest total water use (60 percent combined) of the seven regions analyzed. Irrigating crops to produce feed for cattle accounted for 96 percent of total water use across all the regions.

"We found that the greenhouse gas emissions in our analysis were not all that different from what other credible studies had shown and were not a significant contributor to long-term global warming," Rotz said.

Two areas for potential improvement are water use and reactive nitrogen losses. Water use is increased in the West where U.S. beef cattle are concentrated. Reactive nitrogen losses (at 1.4 teragrams or 15 percent of the U.S. total) mainly in the form of ammonia can lead to smog, acid rain and algal blooms, for example, and potentially pose a public health concern.

The purpose of the analysis wasn't to identify the top-performing regions or most efficient types of operations, said Rotz, but rather to systematically measure the use of fuel, feed, forage, electricity, water, fertilizer and other inputs to raise beef cattle throughout the country—from birth to slaughter.

Using a computer program called the "Integrated Farm System Model" (IFSM), his team also estimated net releases of reactive forms of nitrogen such as ammonia from manure and urine, as well as the three major greenhouse gases (methane, carbon dioxide and nitrous oxide). The gases are so-named for their



tendency to trap heat in the atmosphere and contribute to warming of the earth's surface, extreme weather patterns and other global climate change events.

In the next six months, the team will combine the results of its IFSM analysis with postharvest data from other sectors of the beef supply chain—namely, processing, packing, distribution, retail, consumption and waste handling. That phase will be accomplished using the open-source life-cycle assessment program "OpenLCA."

Together, these data will be used to generate a national assessment of the beef industry's resource use, eco, net losses of GHG and other emissions, providing a critical tool for sustainably producing beef as an important source of lean protein and nutrients.

VARIOS

JAPÓN: fuerte aumento de sus importaciones por efecto del TPP

27 February 2019 Japan's beef imports from members of a Trans-Pacific free trade pact that took effect late last year soared more than 50 percent in January from a year earlier, government data showed Wednesday.

Beef imports from Australia, Canada, Mexico, and New Zealand — all of whom have ratified the 11-member trade agreement — totaled 33,000 tons in January, up 57 percent from the 21,000 tons in the same month last year, according to data from the Finance Ministry.

The deal, officially known as the Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership, entered into force 30 December and covers 13 percent of the global economy and 500 million people.

Singapore and Vietnam have also ratified the deal but neither country exports beef to Japan.

TPP Countries Gaining Foothold in Japanese Beef Market

February 28, 2019 Beef producing countries like Australia, Canada, New Zealand and Mexico are gaining greater access into Japan thanks to lowered tariffs, giving those exporters a significant advantage over U.S. beef producers.

In a media report from the Nikkei Asian Review, a Japanese financial publication, it is outlined that the remaining countries in the 11-nation Trans-Pacific Partnership (TPP) trade agreement have seen sales of beef to Japan surge.

Japan's Finance Ministry shares that Australia, Canada, New Zealand and Mexico, all members of TPP, saw January beef imports rise 56% from the previous time last year reaching 33,000 metric tons. Because of TPP, tariff values on beef imports from those countries have dropped 27.5% from 38.5%.

Chief Cabinet Secretary Yoshihide Suga says that buyers in Japan held off on purchasing beef in December to wait until January when tariffs came down, helping fuel the increase in tonnage.

Countries in TPP will likely continue to see access into Japan increase as the agreement is slated to lower tariffs on beef to 9% by 2033.

The U.S. was originally a founding member of TPP until President Donald Trump formally stepped away from the agreement. Despite this move, the U.S. saw an increase of 21% from the previous January for beef imports into Japan. However, the U.S. also lost 6% of its market share to Japan during this same time.

"We still have a 38.5% duty on U.S. beef going into Japan, while our major competitors through CPTPP or TPP, without the U.S., are now benefiting from reduced tariffs," says Dan Halstrom, president and CEO of the U.S. Meat Export Federation.

The Trump administration has expressed interest in negotiating a bilateral trade deal with Japan that could help put U.S. beef producers on a level playing field.

Other countries in TPP include: Brunei, Chile, Malaysia, Peru, Singapore and Vietnam.

INDIA: crean el primer centro de investigación de productos cárnicos sin faena

28 de marzo de 2019 Se espera que la primera instalación dedicada a la carne basada en células sin sacrificio en el mundo en Mumbai, India, para 2020. El Centro de Excelencia en Agricultura Celular será establecido por la organización sin fines de lucro Good Food Institute (GFI) en asociación con el Instituto de Maharashtra Tecnología química (ICT), un instituto de investigación académica líder en la India.

Se centrará en proyectos de investigación de acceso abierto que aborden la demanda de carne basada en células (creada inicialmente mediante el cultivo de una pequeña muestra de células animales en un laboratorio) en la India y en todo el mundo, y ayuda a empresarios y empresas a llevar productos cárnicos basados ??en células a mercado.

"A nivel mundial, las compañías que fabrican carne basada en células como Memphis Meats y Mosa Meat están atrayendo a millones de personas como Bill Gates, Richard Branson, Google Ventures y gigantes de



la industria como Cargill y Tyson Foods" dijo Varun Deshpande, Director General de GFI India a VegNews.

La investigación inicial se centrará en los principales desafíos tecnológicos a los que se enfrenta actualmente la industria, cómo desarrollar y optimizar líneas celulares relevantes para la agricultura, medios de crecimiento de cultivos celulares y biorreactores.

EMPRESARIAS

Empresa uruguaya fabrica cajón rotativo apto para el método ritual Kosher

02/03/2019 Frigoríficos del Mercosur debieron adaptarse a las nuevas exigencias de Israel para vender.

Una empresa uruguaya, con más de 10 años de presencia en la fabricación de equipos para la industria frigorífica, produce y exporta los nuevos cajones rotativos que exige Israel para sus faenas de bovinos bajo el método Kosher.

Israel anunció a principios de 2018 los cambios en la normativa para las faenas rituales, generando la reacción de los frigoríficos del Mercosur, que son tradicionales abastecedores de delanteros bovinos faenados bajo el método ritual judío. La nueva normativa comenzó a regir en junio de 2018 y para muchas empresas uruguayas, demandó una fuerte inversión adecuar sus instalaciones para los nuevos requisitos.

A partir del año pasado, el sistema tradicional con el animal colgado previo al degüello quedó obsoleto, porque argumentando mejoras en el bienestar animal, el Ministerio de Agricultura de Israel impuso la exigencia de instalar cajones rotativos que inmovilizan al animal antes de ser degollado sin insensibilización. El animal debe permanecer quieto para que el corte de arterias sea limpio y se produzca un rápido desangrado, previa pérdida de conciencia. El corte que hace el rabino se debe hacer en los 10 segundos posteriores a la inmovilización del animal, evitando el estrés y el sufrimiento.

La empresa uruguaya (Ortensin S.A.) creó un cajón rotativo -incluso hay uno doble que mejora el ritmo de faena- con algunas tecnologías que perfeccionan la operativa y el producto compite con los que produce India, Brasil o incluso Argentina.

En 2013 construyó cuatro saladeros Kosher e incluso instaló esa tecnología en una unidad productiva de Paraguay, perteneciente a un grupo cárnico brasileño de fuerte presencia en el mercado internacional. Ya en 2017 diseñó un cajón giratorio doble que se instaló en nueve frigoríficos uruguayos habilitados para la exportación de carne bovina Kosher a Israel y para la comunidad israelí de Estados Unidos. Otras tres empresas cárnicas de la región también instalaron esa tecnología uruguaya. El cajón rotativo diseñado y creado localmente, hoy es usado en el 55% de la faena Kosher de Uruguay y en aproximadamente el 45% de los frigoríficos habilitados por Israel en la región, según datos aportados por la Ortensin S.A. a El País.

Incluso el año pasado, la especialista Temple Grandin, que es la referente en bienestar animal para la ganadería y la industria frigorífica, revisó esta tecnología en un frigorífico uruguayo que vistió y la aprobó. La experta no rechaza las faenas rituales, sí está en contra cuando están mal hechas.

Fortaleza. Raúl García, ingeniero de la empresa, dijo a El País que el cajón uruguayo tiene mayor robustez, todo el cuerpo es de acero inoxidable y tiene tecnología que le permite ajustarse al tamaño del animal para lograr una mejor inmovilización, porque se puede regular la presión de sujeción, sin que genere daño en el animal. "Se fue adaptando la tecnología a las necesidades", aclaró el profesional.

Este cajón es operado electrónicamente, a diferencia del cajón típico que se acciona mediante palancas. "El operario tiene que accionar dos o tres botones para hacer el ciclo y todo el resto lo hace solo el cajón.

Eso facilita la operación e incrementa las reses por hora que se pueden faenar", explicó García. Según dijo, costo es muy similar a los cajones que la industria frigorífica tenía posibilidades de importar para adaptarse a los nuevos requerimientos de Israel. La ventaja es que esta tecnología diseñada en Uruguay tiene una velocidad de operación mayor y permite faenar 115 reses por hora.

Proceso. La faena Kosher es sumamente exigente y rigurosa.

Según explicó a El País Felipe Kleiman, certificador y referente para las faenas rituales para Israel en varios países de Sudamérica y Europa, "hay una infinidad de detalles técnicos que cuidar. La faena en sí es extremadamente detallada, desde la preparación del cuchillo hasta el salado y desalado de los delanteros", dijo Kleiman.

El cuchillo con que se desangra el animal debe tener un filo "muy suave para cortar y muy liso, para que no rasgue la piel. El rabino corre la uña por el filo para ver si no hay un diente o problemas en ese filo antes del degüello. Ahí empieza el rigor técnico".

Si durante el degüello se produce un problema en el filo del cuchillo, ese animal es rechazado por los rabinos pues no está kosher (apto).

Kleiman explicó que una vez eviscerado ese bovino, sigue la revisión de órganos internos, que también es hecha por los rabinos. "Se revisan los pulmones para ver si el animal está sano según los criterios religiosos y judaicos. Así como hay inspección veterinaria está la inspección rabínica para ver si el animal está apto o no", argumentó el consultor.



Inperfecciones en el filo del cuchillo y pulmones con problemas, son dos puntos claves de rechazo de los animales. “Casi la totalidad de los animales rechazados son por estos dos problemas”, explicó.

Luego de armar una lista de animales aptos y sellar esas carcasas Kosher, una vez enfriadas, al otro día se hace el cuarteo. Los delanteros van para el saladero y es lo único que compra Israel, pues religiosamente no pueden consumir otra parte del animal.

“Aunque ya están con sello kosher, son nuevamente chequeadas para ver si coinciden con el listado aprobado”, destacó Kleiman.

Posteriormente viene la etapa de salado, un proceso totalmente automatizado. “El delantero se sumerge en un tanque y queda 30 minutos sumergido, pero en constante movimiento dentro del agua. Luego sale a la superficie y es cubierto totalmente con sal para que tire la sangre. A partir de ahí ese delantero debe quedar una hora paseándose por la sala para gotear y sacar las sangre. Luego de una hora es lavado con mangueras de alta presión para que toda la sangre salga y quitar la sal adicional que pueda haber quedado”, explicó el certificador. Todo ese minucioso proceso de faena y sus controles, son los valorizan el sello Kosher.

URUGUAY: Trabajadores de frigorífico Pul no aplicarán medidas de fuerza, al menos, hasta próxima tripartita

11 de marzo de 2019 Frigorífico PUL y sus trabajadores no llegaron a un acuerdo este lunes en reunión tripartita realizada en la Dirección Nacional de Trabajo. Sin embargo, se estableció una mesa de diálogo, y se espera poder avanzar en los próximos días, señaló a Conexión Agropecuaria Luis Muñoz, secretario general de la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (Foica).

En este escenario de diálogo los trabajadores se comprometieron a “no innovar” y no se aplicarán medidas de fuerza hasta la próxima reunión tripartita, prevista para comienzos de la semana próxima.

Los trabajadores insisten en el reintegro de 30 trabajadores que se encuentran en seguro de paro. Y esperan que pueda haber avances a lo largo de la semana. Este miércoles habrá reunión de mesa de FOICA donde se evaluará el avance de la negociación.

Marfrig asume control indirecto de otro frigorífico en EE.UU.: IOWA PREMIUM

12/03/19 - por Equipe BeefPoint Com um desembolso líquido de somente US\$ 16,5 milhões (cerca de R\$ 63 milhões), a Marfrig Global Foods, segunda maior indústria de carne bovina do mundo, vai assumir, indiretamente, o controle do Iowa Premium, frigorífico americano que fatura cerca de US\$ 700 milhões por ano. O negócio deve significar um acréscimo de quase R\$ 2,7 bilhões à receita líquida de R\$ 40 bilhões do grupo brasileiro.

A aquisição, anunciada ontem, será feita por meio da National Beef, companhia americana de carne bovina na qual a Marfrig tem 51% de participação desde o ano passado.

Na prática, a compra do Iowa Premium, que pertence à gigante americana de distribuição de alimentos Sycso, custará em torno de US\$ 150 milhões à National Beef. O negócio será financiado pelos acionistas da empresa americana, que realizarão um aumento de capital.

Além da controladora Marfrig, a firma de investimentos Jefferies Group detém 31% de participação na National. O restante das ações pertence à associação de pecuaristas US Premium Beef. Com a divisão proporcional entre os acionistas, a Marfrig investirá US\$ 76,5 milhões no aumento de capital – o equivalente à participação de 51%.

Paralelamente à compra do Iowa Premium, a Marfrig está vendendo a megafábrica de hambúrguer que possui em Ohio para a National Beef, por US\$ 60 milhões. Por isso, o desembolso líquido da operação é menor para a Marfrig.

A intenção da transação é manter o controle da operação e, ao mesmo tempo, manter o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) da Marfrig controlado. Em dezembro, esse índice chegou a 2,39 vezes – o mais baixo entre os frigoríficos brasileiros com ações na bolsa. Há duas semanas, o presidente-executivo da Marfrig, Eduardo Miron, já havia indicado a analistas que a empresa considerava novas aquisições, desde que elas não afetassem os índices de endividamento do grupo.

Em entrevista exclusiva ao Valor, o CEO da National Beef, Tim Klein, enfatizou a diversificação geográfica permitida pela aquisição do Iowa Premium. Até então, a National só tinha operações em Kansas. Com o negócio, migra para uma região mais ao norte dos EUA, localizada no cinturão agrícola do país.

“É muito animador”, afirmou o executivo, que também é sócio da National. De acordo com Klein, o Iowa Premium produz carne com o “gado de melhor qualidade dos EUA”. A empresa é especializada na raça angus e na comercialização de carne bovina “prime” e “choice”. São as classificações de carcaça mais valorizadas no mercado americano. A classificação segue o parâmetro definido pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

A expectativa do CEO da National é que a compra do Iowa Premium seja aprovada pelas autoridades antitruste dos EUA em 30 dias. De acordo com ele, não há sobreposição entre as operações das duas



empresas. A aquisição aumentará a participação da National no mercado americano de carne bovina de 12,7% para 14%. A empresa é a quarta maior indústria do setor nos EUA, somente atrás das americanas Tyson e Cargill e da brasileira JBS.

De acordo com Klein, a capacidade de abate da National será ampliada em quase 10% com a compra do Iowa Premium. Nos dois abatedouros de bovinos que a empresa já possuía podem ser abatidas 12 mil cabeças de gado por dia. O frigorífico do Iowa tem capacidade de abate de 1,1 mil bovinos por dia. A aposta de Klein com a aquisição é que o cenário de ampla oferta de gado nos EUA vai se estender por três anos.

4th Largest U.S. Beef Packer, National Beef, Acquires Iowa Premium

March 12, 2019 The move by National Beef the fourth largest beef packer in the U.S. to purchase Iowa Premium Beef adds additional 1,100 head per day of packing capacity to the company. (National Beef Packing Company)

National Beef Packing Company, LLC, is purchasing Iowa Premium, LLC, adding an additional 1,100 head per day of packing capacity to the beef packer.

The acquisition of Iowa Premium, also known as Iowa Premium Beef, was announced on March 11 and is still pending a customary waiting period under the Hart-Scott-Rodino Antitrust Improvements Act. The deal is expected to close during the second quarter of 2019 and would give National Beef 100% ownership of Iowa Premium.

Located in Tama, Iowa, the beef packing plant employs more 800 than and processes approximately 1,100 head of Angus fed cattle per day. Cattle are purchased primarily in Iowa and surrounding states in the Midwest. Iowa Premium specializes in USDA Choice and Prime grade beef. The company markets branded beef products under the Iowa Premium Angus and Est. 8 Angus labels, selling beef both domestically and globally.

"I am excited to expand our beef operations with a processing facility in Iowa and we look forward to strengthening Iowa Premium's relationships with the family farmers who produce the highest quality Black Angus cattle in the U.S.," says Tim Klein, President and CEO, National Beef, in making the announcement. "Iowa Premium fits perfectly with our value-based marketing strategy as we continue to provide our customers with the very best beef products and programs."

The move by National Beef – the fourth largest beef packer in the U.S. – adds another packing plant to the company's portfolio that also includes two other packing plants in Dodge City and Liberal, Kan. The Kansas City, Mo., based company also has further processing facilities located in Kansas City, Kansas; Hummels Wharf, Pennsylvania; Moultrie, Georgia; North Baltimore, Ohio and St. Joseph, Missouri.

Last year, National Beef had a majority of the business acquired by Brazilian meat packer Marfrig Global Foods. The \$969 million purchase gave Marfrig a 51% share in National Beef and boosted the global slaughter capacity to 8.3 million head for Marfrig. National Beef formerly owned a processing plant in Brawley, Calif. that was closed in 2014 and later sold the next year.

National Beef currently employs approximately 8,400 employees. During the 2018 fiscal year, National Beef generated \$7.5 billion in sales.

Marfrig prevê incrementar a faena de animais de raça Angus

Fonte: Valor Econômico. 14/03/19 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods, segunda maior agroindústria de carne bovina do mundo, pretende ampliar os abates de bovinos da raça angus no Brasil em ao menos 40% em 2019, afirmou hoje Miguel Gularte, executivo responsável pelas operações da companhia na América do Sul.

No ano passado, a Marfrig abateu cerca de 130 mil animais angus com a certificação da Associação Brasileira de Angus. Esses animais, que oferecem melhor rentabilidade à companhia, foram processados nos frigoríficos de Tangará da Serra (MT), Bataguassu (MS), Promissão (SP) e Mineiros (GO).

A partir deste ano, mais três frigoríficos da empresa poderão abater angus no programa de certificação: Várzea Grande (MT), unidade recém- adquirida da Minerva Foods, Bagé (RS) e Alegrete (RS). A inclusão dessas três unidades no programa foi anunciada hoje, em evento em São Paulo.

Com a inclusão das três unidades, a Marfrig projeta abater 200 mil bovinos da raça angus por ano. Trata-se um volume pequeno se comparado ao negócio total da empresa, que tem capacidade para abater mais de 16 mil cabeças por dia.

De acordo com Gularte, as vendas de carne premium (o que inclui os produtos angus, mas não só) da Marfrig representam de 25% a 30% do total produzido no Brasil.

Além da Marfrig, o programa de certificação da Associação Brasileira de Angus inclui outras empresas. Juntos, todos os membros do programa abateram 430 mil cabeças de gado angus no ano passado.



Minerva Foods prevé mayores exportaciones en 2019

13/03/2019 Empresa espera abertura do mercado indonésio e habilitação de novas plantas para a China em 2019

A Minerva Foods, empresa brasileira com o título de maior exportadora de carne da América do Sul, está otimista com o mercado mundial de carne bovina – principalmente para o Brasil. De acordo com Fabiano Tito Rosa, gerente de vendas da companhia, há forte expectativa de que o Brasil retome as exportações para EUA, habilite novas plantas para a China e consiga a abertura do mercado indonésio.

“Estou otimista com exportação e acho que esse ano vai ser um ano de exportações fortes”, afirmou Rosa ao Portal DBO, na sede da empresa em Barretos, SP, ao se dizer confiante com o pragmatismo do novo governo, apesar das polêmicas geopolíticas que assustaram o setor no início do ano. “Acho que o governo vai ser pragmático nesse ponto e não vejo nenhum risco de fechamento de mercados. Acredito que o governo vai trabalhar para reabertura de mercados e para a habilitação de novas plantas para vendas à China”, disse.

No caso da China, país que foi destino de cerca de um quarto das exportações da Minerva no terceiro trimestre do ano passado (ocupando o lugar que um dia foi da Rússia), Rosa acredita que a habilitação de novas plantas deve ter forte impacto no curto prazo para a oferta e demanda interna. A mesma avaliação é feita no caso da Indonésia, país que exige cortes halal, técnica de abate exigida pelas nações muçulmanas e atualmente dominada pelo Brasil. Já para os EUA, o gerente de vendas da Minerva acredita que a reabertura gere impactos de longo prazo.

“Os EUA, no longo prazo, são estratégicos porque são uma vitrine. É um país com uma exigência muito alta e, se você atende os EUA, os outros países encaram você com outros olhos”, explica Rosa. Segundo ele, a indústria brasileira de carnes já tomou as medidas necessárias para evitar os problemas que levaram à suspensão da autorização para as importações de carne brasileira em julho de 2017, como a redução da dose da vacina contra a aftosa, que teria sido causa dos abscessos encontrados em partidas do produto.

“Já foi montado um protocolo e um procedimento com os frigoríficos para evitar esse tipo de problema de novo. Então a gente tem bastante segurança de que esse mercado pode ser reaberto e que vamos atendê-lo sem problemas”, observa o gerente da Minerva.

Outra iniciativa divulgada pelo gerente da Minerva para aprimorar a qualidade da carne exportada pela empresa é a do Programa de Eficiência de Carcaça (PEC), iniciado em parceria com a Phibro Animal Health junto a cerca de 100 pecuaristas. O programa busca premiar produtores que consigam entregar bois terminados com índices de qualidade que cumpram requisitos de idade, PH da carne e cobertura mediana de gordura.

“O PEC é muito importante pra gente conseguir avaliar corretamente o que está sendo entregue na indústria e o que cada perfil de carcaça devolve de resultado pra gente conseguir fazer os ajustes necessários tanto para orientar o produtor para atender os principais mercados quanto no nosso modelo de precificação”, ressalta Rosa.